

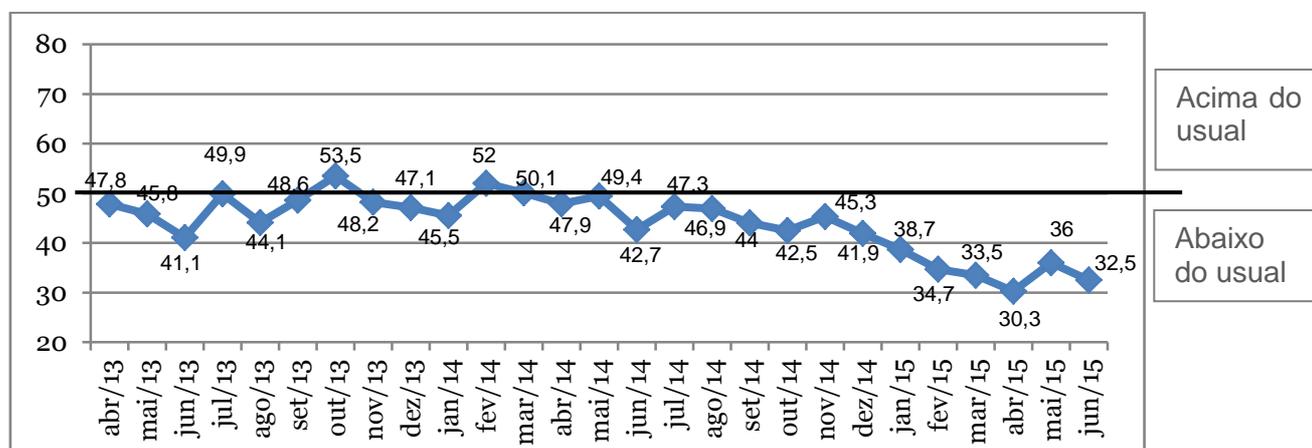
Custo Brasil e incerteza política projetam cenário nebuloso

Visão Geral

A pesquisa realizada pela FIESC junto com a CNI entrevistou 34 empresas, sendo 12 de pequeno porte, 16 médias e 6 grandes. Destas, 16 são da construção tanto residencial como comercial, 10 de obras de infraestrutura e 8 de prestação de serviços.

O nível de atividade da indústria da construção em junho, em comparação com maio, foi inferior: 35,6 pontos contra 43,5. Com relação ao usual para o período, o índice também caiu para 32,5, contra 36 pontos no mês anterior. A comparação da pesquisa é centralizada em 50 pontos que correspondem a linha divisória. Acima de 50 o nível de atividade é considerado positivo e abaixo negativo.

Nível de atividade em relação ao usual (pontos)



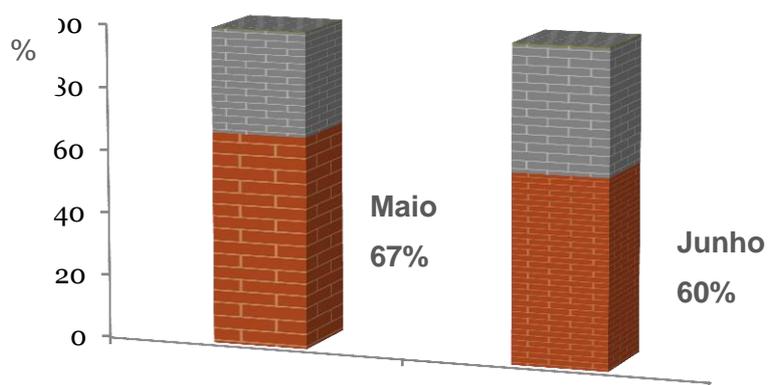
Fonte: FIESC e CNI

O cenário verificado para os próximos seis meses reveste-se de indicadores um pouco mais positivos, mas ainda aquém da linha divisória. A projeção do nível de atividades de 46,9 pontos, contra 43,4 em maio, a compra de insumos e matérias primas, 43,1 versus 36,9 no mês passado e o número de empregados projetado para os seis meses adiante, embora com ligeira melhora frente maio, permanece abaixo dos 50 pontos.

Quanto aos novos empreendimentos e serviços, o indicador de 45,4, também supera os 40,8 pontos de maio. A utilização da capacidade de operação, em junho, de 60%, registra queda significativa em relação aos 67% de maio.

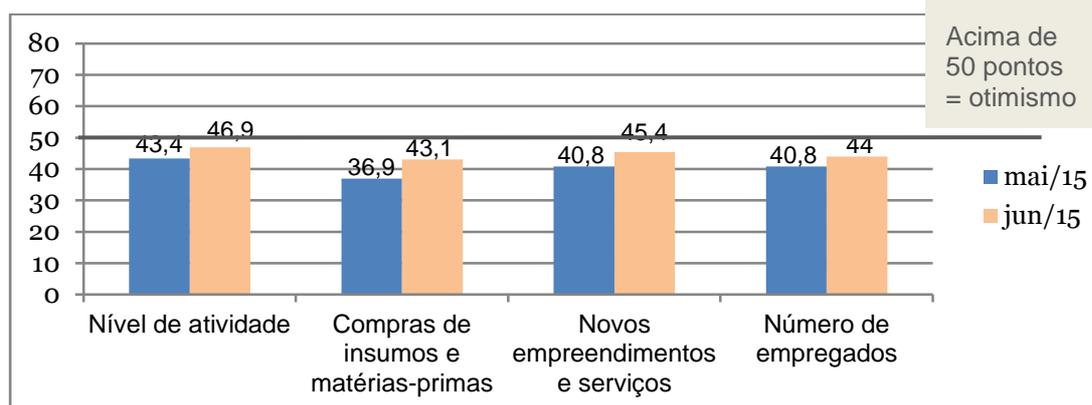
Ou seja, a tendência para os próximos seis meses reverteu, positivamente, em junho, quando comparada com o que ocorreu em maio, mas ainda longe do ideal. Contudo, o mês de junho revelou recuo nas atividades em relação a maio.

Utilização da Capacidade de Operação (UCO) das indústrias da Construção Civil de Santa Catarina maio e junho de 2015



Fonte: FIESC e CNI

Expectativas para os próximos seis meses (pontos)



Fonte: FIESC e CNI

Visão empresarial

O primeiro semestre não foi positivo para a indústria da construção. A sondagem mostra um cenário restrito e as projeções um pouco mais otimistas estão projetadas para os próximos seis meses. Contudo, ainda abaixo da linha média de atividade.

A sondagem de junho é emblemática ao revelar que 97,1% das empresas entrevistadas, ou mantiveram o nível de atividade, ou reduziram e destas, quase 56% ficaram abaixo do que é usual.

Das empresas analisadas, 65% apresentaram margem de lucro operacional ruim, ou muito ruim, no segundo trimestre encerrado em junho, fato que confirma a situação financeira boa para somente 2,9% delas. As 97,1% das demais empresas, ou revelaram situação financeira satisfatória (47,1%), ruim (38,2%), ou muito ruim (11,8%).

A dificuldade financeira das empresas é potencializada pela dificuldade de acesso ao crédito. Quase 70% das empresas analisadas consideraram difícil, ou muito difícil o acesso ao crédito.

Resumo

A indústria da construção civil reflete a atividade econômica restrita. O ajuste fiscal custa caro à construção civil, assim como à toda a economia que sente em cadeia o recesso. Baixa atividade econômica resulta em demissões, ou ameaça de queda do emprego.

A consequência do cenário restrito significa queda na margem de lucro operacional e a situação financeira empresarial se deteriora.

Fundamental destacar os principais problemas que atingem o setor segundo os entrevistados:

- Elevada carga tributária;
- Inadimplência dos clientes;
- Demanda interna insuficiente;
- Burocracia excessiva;
- Falta de capital de giro;
- Taxas de juros elevadas.

Em resumo, a sondagem é clara ao mostrar que a indústria da construção civil registra o recuo da atividade econômica, projeta cenário pouco animador para

os próximos seis meses, o que preocupa por ser uma atividade intensiva em trabalhadores e amarga uma situação com impactos financeiros que mostram a necessidade de acesso ao crédito para obtenção de capital de giro.

A dificuldade de acesso ao crédito, aliada às taxas de juros ascendentes, dificulta ainda mais a situação financeira empresarial e indica a necessidade visível de um choque de oferta. Até porque, não se projeta aumento da demanda no curto prazo e menos ainda, redução da elevada carga tributária.

Um novo modelo que estimule o setor produtivo, em lugar do impulso dado, recentemente, ao consumo, é o que pode mudar o cenário empresarial. Porém, a incerteza quanto ao cenário político projeta cenário nebuloso.

PTG Consultoria – 20/07/15